

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

Luana da Costa Izolan

**“QUANDO EU ERA CRIANÇA, ME DISSERAM QUE EU ERA HOMEM”: A
PERSPECTIVA DE HOMENS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES**

**Santa Maria, RS
2021**

Luana da Costa Izolan

**“QUANDO EU ERA CRIANÇA, ME DISSERAM QUE EU ERA HOMEM”: A
PERSPECTIVA DE HOMENS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de **Psicóloga**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Samara Silva dos Santos
Co-orientadora: Ms.^a Vanessa Fontana da Costa

Santa Maria, RS

2021

Dedico este trabalho de pesquisa à minha prima e irmã de alma Mônica (in memoriam), por impactar positivamente a minha vida. Aos meus pais e irmão, pelo apoio incondicional, muito obrigada, amo muito todos vocês.

AGRADECIMENTOS

À professora Samara, pela paciência em transmitir seu conhecimento, pela dedicação com que faz seu trabalho, pelo acolhimento e afeto nos momentos de angústia e por ser uma inspiração de ser humano ético e sensível.

À Vanessa por todo o suporte antes, durante e depois da escrita deste trabalho, pela paciência em ensinar tudo que sabes, pelas ideias trocadas e afetos que serviram de inspiração em diversos momentos.

Ao Lucas, por sempre acolher meus medos e angústias, pelo apoio incansável na realização dos meus sonhos e pelo amor que me serve de base em todos os momentos.

À minha família, meus pais que além de me apoiarem financeiramente para que a realização desse sonho fosse possível, são minhas fontes infinitas de amor e dedicação e mesmo distantes fisicamente são meu suporte, ao meu irmão que mesmo longe se faz presente nessa jornada, à minha tia Fátima e minha vó Helena por também serem mães quando preciso e sonharem comigo.

Às minhas amigas que a psicologia me deu, pelo apoio, suporte incondicional, pela escuta atenciosa em todos os momentos, pelas trocas de conhecimento e de afetos nos últimos 5 anos, por serem pessoas maravilhosas as quais tenho orgulho de me espelhar como pessoa e profissional, e por sonharem comigo essa pesquisa.

Aos integrantes do grupo Redijuv, por todo o aprendizado adquirido, pelas trocas carinhosas e por se fazerem presente mesmo na distância durante esse último ano atípico que tivemos.

Aos participantes da pesquisa, por acreditarem neste trabalho e compartilharem comigo suas vivências, sem vocês nada disso teria sido possível.

Ao Niklaus, que é a luz da minha vida e que me manteve bem nos momentos mais turbulentos da minha jornada.

RESUMO

“QUANDO EU ERA CRIANÇA, ME DISSERAM QUE EU ERA HOMEM”: A PERSPECTIVA DE HOMENS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES

AUTORA: Luana da Costa Izolan

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Samara Silva dos Santos

CO-ORIENTADORA: Ms.^ª Vanessa Fontana da Costa

Dados atuais apontam que os homens são as maiores vítimas de homicídio e suicídio na sociedade. Partindo desta informação e percebendo que faltam estudos sobre as masculinidades para tentar dar conta do crescente sofrimento desta população, este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo compreender a perspectiva que homens possuem sobre a construção da masculinidade. Para isso, foi utilizada a abordagem qualitativa, e a coleta dos dados ocorreu por meio de questionário online composto de três etapas, disponibilizado através das mídias sociais. O questionário pode ser acessado somente após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e seu aceite. Após a coleta dos dados, foi realizada análise de conteúdo, mantendo o anonimato dos participantes. Observou-se que a maioria dos participantes conseguiu expressar suas percepções sobre a masculinidade e sua construção, apontando elementos que auxiliaram a compreensão de como ela se manifesta na contemporaneidade e como os homens citados como modelos de masculinidade inspiraram os processos de construção desta. Acredita-se que esta pesquisa tenha contribuído para fomentar o debate acerca do gênero, buscando compreender melhor as questões que envolvem as masculinidades e promovendo uma reflexão sobre como isto afeta a vida dos homens.

Palavras-chave: Masculinidade. Psicologia. Construção Social.

ABSTRACT

“WHEN I WAS A CHILD, THEY TOLD ME I WAS A MAN”: MEN’S PERSPECTIVE ABOUT MASCULINITY CONSTRUCTION

AUTHOR: Luana da Costa Izolan

ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Samara Silva dos Santos

COADVISOR: Ms^a. Vanessa Fontana da Costa

Current data indicate that men are the biggest victims of homicide and suicide in our society. Based on this information and realizing that there is a lack of studies about masculinities to try to cope with the rising suffering of this population, this final paper aimed to understand men’s perspective about masculinity construction. Therefore, it was used a qualitative approach, and data collection was conducted by an online questionnaire that was composed by three stages and which became available through social media. This questionnaire could be accessed only after the participants read and accept the Informed Consent Form. After data collection, a content analysis was performed, maintaining the anonymity of the participants. It was observed that most of the participants were able to express their perceptions about masculinity and its construction, indicating elements that helped us to understand how it manifests in contemporary times and how men considered as models of masculinity inspired the processes of its construction. It is believed that this research has contributed to promote the debate about gender, seeking to understand the issues surrounding masculinities and promoting a reflection about how this construction affects men's lives.

Keywords: Masculinity. Psychology. Social Construction.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO.....	8
3. MÉTODO.....	11
3.1 DESENHO DO ESTUDO.....	11
3.2 COLETA DE DADOS.....	11
3.3 AMOSTRA/POPULAÇÃO ALVO.....	12
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	13
3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	13
3.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
4.1 CATEGORIA 1 - “SOUBE QUE ERA HOMEM NO MOMENTO EM QUE CHORAVA E OUVIA A FALÁCIA DE QUE ‘HOMEM NÃO PODE CHORAR’”: A MASCULINIDADE E O INÍCIO DE SUA CONSTRUÇÃO.....	18
4.2 CATEGORIA 2 - “ACHO QUE A MAIORIA DAS CRIANÇAS QUE SE IDENTIFICAM COM O GÊNERO MEIO QUE SE ESPELHAM NO PAI. FOI ASSIM COMIGO.”: A INFLUÊNCIA DOS MODELOS MASCULINOS, SOCIALIZAÇÃO E O ESTEREÓTIPO DE GÊNERO.....	23
4.3 CATEGORIA 3 - “(...)HOJE EM DIA, ME SINTO BEM MAIS A VONTADE PARA EXPRESSAR TUDO QUE SINTO, MAS, SEM DÚVIDA, AS DIVERSAS LIMITAÇÕES QUE AINDA TENHO NESSE SENTIDO NASCERAM MUITO EM RAZÃO DAQUELA IDEIA QUE ME FOI PASSADA POR ALGUNS MODELOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.”: A DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE.....	27
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	34
APÊNDICE B - FOTO DE DIVULGAÇÃO DA PESQUISA PUBLICADA NAS REDES SOCIAIS.....	36
APÊNDICE C - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....	37
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO.....	38

APRESENTAÇÃO

Em 2016 quando ingressei no curso de Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria, já me interessava por questões referentes à gênero, iniciando minhas leituras sobre o movimento feminista e sobre violência de gênero. No mesmo ano, ingressei no meu primeiro grupo de pesquisa, que tinha como tema a violência sexual entre jovens, o qual foi fundamental na construção do que seria apenas o início da minha paixão pelo tema e que me fez seguir o caminho o qual trilho com muito amor e dedicação.

Com o passar das disciplinas da grade curricular, tive a oportunidade de cursar a disciplina de Teorias Feministas e de Gênero que foi ofertada como não obrigatória, que trouxe discussões fundamentais para que eu buscasse mais conhecimento sobre o assunto. Em certo momento, comecei a me interessar por desenvolvimento infantil e juventude, ingressei no grupo Redijuv e realizei meu primeiro estágio na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, me aproximando ainda mais de temas relacionados à infância. Destaco este momento como um marco na minha caminhada, pois foi a partir do meu envolvimento com crianças e interesse por gênero que surgiu o tema que viria a ser meu trabalho de conclusão de curso.

Infelizmente em 2020, seríamos surpreendidos com uma pandemia que impossibilitaria que eu realizasse minha pesquisa da forma como idealizei, sendo necessário realizar alguns ajustes e reformular meu tema. A ideia principal da minha pesquisa veio através de um sonho, o qual ao acordar com a ideia ainda presente na memória me fez ter a certeza de que era isto que eu queria fazer. Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em forma de artigo, e os resultados da pesquisa foram divididos em 3 categorias centrais. Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior que foi realizada por mim.

INTRODUÇÃO

O corpo masculino foi alvo de estudos anatômicos desde onde se tem registro na história, sendo principal personagem narrado em histórias, fatos e na ciência. A mulher, portanto, coadjuvante, sempre foi vista como o oposto do homem, primeiramente de forma anatômica, posteriormente de forma social. O que inicialmente eram mudanças anatômicas visíveis entre os sexos, passou a se tornar mais evidente também por meio das mudanças sociais, desde a posição na sociedade, como também as funções que eram esperadas.

Segundo Silva (2000), as discussões que antes eram detidas no campo fisiológico, começaram a tomar forma no sentido de criar regras e papéis sociais culturalmente estabelecidos no século XIX pela sociedade burguesa. Com a revolução industrial e a necessidade de se estabelecer um novo papel do homem e mudanças nos valores da sociedade, o medo da feminilidade, e mais nitidamente da homossexualidade, fez com que fosse necessário reafirmar qual era a masculinidade dominante e qual era seu papel neste novo social. Os corpos masculinos, que já eram anteriormente cultuados, passaram a refletir um ideal de homem que deveria ser seguido, aquele que era totalmente oposto ao da mulher.

Silva (2000) ainda aponta que, após duas guerras mundiais a mulher, que antes estava resumida à esfera privada, agora tomava lugar na vida pública, trazendo à face movimentos feministas buscando afirmar o lugar da mulher na sociedade, iniciando um novo momento na ciência, nas pesquisas de gênero e nas discussões sobre os papéis sociais de gênero. Inicia-se então o que conhecemos por estudos de gênero. Estes estudos que começaram, de fato, a estudar a mulher como um indivíduo singular, fizeram diversos avanços no conhecimento do gênero e nas lutas pelos direitos das mulheres.

Após algumas décadas do início desse movimento, muita coisa se descobriu acerca do gênero, das diferenças entre os sexos e seus papéis na sociedade. Alguns direitos foram adquiridos para as mulheres e apesar de ser uma luta que não está próxima de acabar, pois as mulheres continuam sendo vítimas da sociedade,

compreendeu-se, a partir desta opressão sofrida, que mesmo os homens tendo sido foco em toda a história que se conhece, o pensamento acerca dos papéis sociais desempenhados pelos sexos continuam sendo os mesmos de séculos atrás. O movimento feminista conseguiu fazer alguns avanços na direção da libertação feminina, e apesar de existirem estudos de gênero focados nos homens, ainda são insuficientes e pouco discutidos, não trazem aprofundamentos em relação à construção das masculinidades, merecendo mais reflexão e espaço na sociedade.

A masculinidade, que foi historicamente valorizada, traz consigo uma visão de comportamentos esperados para os homens, sendo um deles a omissão da expressão de sentimentos e emoções, a proibição da demonstração da fragilidade, que é uma condição humana, mas que dentro deste sistema de produção de modo de vida contemporâneo é vista como algo não masculino, gerando assim uma ideia de que o homem deve ser forte. Portanto, a violência e a agressividade são compreendidas como expressões naturais da masculinidade pela sociedade. “Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do *macho* o homem deve inibir sua sensibilidade (...) o homem será considerado *macho* na medida em que for capaz de inibir, sufocar seus sentimentos.” (SAFFIOTI, 1987, p. 25)

Nesse sentido, ao se deparar com indicadores de violência na atualidade torna-se esperado que homens figurem, tanto como produtores, quanto como produto deste processo histórico e cultural marcadamente patriarcal. Os homens são atualmente as maiores vítimas de homicídio em nosso país, como demonstra os dados do Atlas da Violência do ano de 2019, na última década 91,8% das mortes por homicídio foram de homens. Quando estes dados são analisados, compreende-se que homens jovens e negros são os mais afetados por este tipo de violência. Além disso, segundo dados do Ministério da Saúde entre os anos de 2011 e 2016, foram registradas 62.804 mortes que tiveram como causa o suicídio, sendo destas 79% de homens. À vista disso, os homens acabam sendo vítimas da forma como a sociedade se organiza, o que pode gerar danos psicológicos, emocionais e físicos impedindo que eles possam ter uma vida satisfatória.

Sabe-se que vivemos em uma sociedade patriarcal, cuja sua organização é baseada na dominação masculina, onde existem desigualdades evidentes entre os sexos, estudadas por movimentos feministas que buscam compreender este fenômeno e estimular lutas pela equidade. Porém, nas últimas décadas de estudos nesta temática, pouco se avançou no debate sobre os prejuízos que o patriarcado

causa na vida dos homens. É sabida a opressão sofrida pelas mulheres nos últimos séculos em nossa sociedade, assim como os privilégios da classe masculina em relação ao sexo oprimido. Mas no sistema patriarcal ninguém é totalmente privilegiado, como os dados acima expuseram, a classe dominante na sociedade também está sofrendo com o modo como as relações se apresentam.

De acordo com Saffioti (1987), dentro de uma sociedade patriarcal, alguns comportamentos são esperados para que um homem seja considerado macho, como ter sua sexualidade resumida ao órgão genital, impossibilitando que desfrute de todas as formas disponíveis de prazer; ter sucesso economicamente e ser o provedor da família, não permitindo que haja fracasso no âmbito de trabalho; ser 'forte, corajoso e racional', reprimindo qualquer indício de sensibilidade, pois caso haja emoções por parte do homem, automaticamente este tem sua orientação sexual questionada; o homem é impedido de demonstrar emoções e sentimentos, principalmente a tristeza, o que gera prejuízos psicológicos e também biológicos, sendo-lhe permitida e aceita a expressão de agressividade. Saffioti (1987, p.26) também aponta que "pesquisas demonstraram que as glândulas lacrimais de determinados homens chegam a atrofia em virtude do desuso". Isto é, em razão da crença de que homens não devem demonstrar suas emoções e sentimentos, principalmente a tristeza, a conhecida frase "homem não chora" traz além de prejuízos psicológicos, danos físicos à saúde dos homens.

Segundo Saffioti (1987, p.10), "rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída". Sendo o gênero construído por meio das relações sociais, a sociedade assume o papel de moldar os comportamentos esperados dentro de um ideal de masculinidade e de feminilidade. O foco deste trabalho é compreender de que forma a masculinidade é construída em nossa sociedade e como os homens percebem esta construção, levando em conta as subjetividades de cada um e de que forma os estereótipos masculinos repercutem na vida e na psique dos homens.

Dessa forma, concebe-se a necessidade de mais estudos nesta temática, para identificar de que forma os homens compreendem a construção de sua masculinidade. Justifica-se o presente trabalho mediante os dados apresentados para suscitar a importância do cuidado à saúde física e mental masculina e fomentar discussões acerca dos prejuízos causados pelo sistema patriarcal.

A partir destas considerações, o objetivo geral da pesquisa foi compreender de que forma os homens percebem a construção de suas masculinidades.

3. MÉTODO

3.1 DESENHO DO ESTUDO

Para este trabalho foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Desta maneira, compreende-se que a melhor maneira de investigar o que se propôs neste trabalho foi realizando uma pesquisa do tipo exploratória, que consiste em “uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito” (DOXSEY & DE RIZ, 2002-2003, p.25).

3.2 COLETA DE DADOS

Mediante a anuência do participante frente ao convite de responder esta pesquisa se deu início aos procedimentos de coleta de informações. A coleta dos dados foi realizada a partir da técnica de questionário. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 69), é constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas.” No questionário (APÊNDICE D), haviam 4 seções, sendo a primeira composta de 7 perguntas relacionadas aos dados demográficos, e as outras 3 seções com o total de 16 perguntas, onde foram utilizadas questões abertas, às quais os participantes responderam de forma livre.

Este instrumento foi divulgado amplamente em meio eletrônico através do e-mail da coordenação do curso de psicologia da UFSM e postagem nas mídias sociais da pesquisadora como grupos do *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram* e *Twitter* (APÊNDICE B), com a finalidade de construir uma melhor pluralidade nos dados e

um maior alcance. Além disso, optou-se pela plataforma do aplicativo *Google Forms* para a elaboração do questionário pois este se mostrou um serviço prático e eficaz para o que se pretendia realizar. O questionário permaneceu disponível para respostas do dia 24 de agosto de 2020 ao dia 21 de setembro do presente ano, sendo posteriormente fechado para respostas.

A escolha do instrumento de coleta foi feita a partir de uma avaliação do atual momento de pandemia global de Covid-19, a qual nos impossibilita de qualquer contato próximo, dificultando outras formas de coleta. Além disso, o questionário elaborado a partir da plataforma *google forms*, possibilita ser respondido de forma online, no tempo disponível do participante, podendo alcançar respostas de pessoas geograficamente distantes, gerando uma pluralidade de participantes, a qual foi fundamental para resultados proficientes. A utilização de um questionário online também garante os aspectos éticos de confidencialidade e o anonimato dos participantes, pois no referido questionário não foi necessário dispor de informações pessoais de identificação.

3.3 AMOSTRA/POPULAÇÃO ALVO

A população escolhida como objeto de pesquisa foi a de homens acima de 18 anos, sendo estes cisgêneros ou transgêneros, brasileiros que residem no Brasil, de qualquer região ou estado do país. Esta amostra foi acessada por conveniência por meio de divulgação do questionário, que foi realizada em ambiente virtual em redes sociais da pesquisadora e e-mail pessoal. O estudo contou com 146 respostas ao questionário, sendo 6 destas duplicadas, totalizando 140 participantes válidos.

Com relação às características sociodemográficas dos participantes, responderam a pesquisa homens de 18 a 54 anos, sendo a média de idade 26 anos. Dos 140 participantes, 133 se declararam cisgênero e 7 se declararam transgênero, correspondendo a 95% e 5% respectivamente. Quanto à raça, 72,9% se autodeclararam brancos, 1,4% amarelos, 13,6% pardos, 8,6% pretos, 0,7% indígena e 2,9% preferiram não responder. Em relação à orientação sexual, foram 85 autodeclarados heterossexuais, 21 homossexuais, 32 bissexuais, 1 pansexual e 1 resposta na categoria outros. Os participantes com renda mensal entre 1 salário mínimo e 2 foram a maioria com 30,7%, seguido de 27,9% que tem a renda menor de um salário mínimo, 27,3% com renda maior de 3 salários mínimos e 14,3% com

a renda entre 2 e 3 salários mínimos. Cerca de 96 participantes eram da região Sul do país, seguido pelo sudeste com 34 participantes, 5 do centro-oeste, 3 do norte e 2 da região nordeste. No tocante a escolaridade, as mais presentes foram ensino superior incompleto e ensino superior completo, com 62 e 61 participantes respectivamente, tendo ensino médio completo 15 participantes, e por fim ensino médio incompleto e ensino fundamental completo ambos com 1 participante cada.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Inclusão: ser homem, ser brasileiro, residir no Brasil, ter mais de 18 anos.

Exclusão: respostas que apareceram de forma duplicada.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, após a coleta dos dados, iniciou-se o processo de leitura das respostas dos participantes, definindo assim quais perguntas e respostas seriam utilizadas neste momento para buscar responder aos objetivos da pesquisa que no anteriormente eram: investigar quais foram as figuras de inspiração de masculinidade dos participantes, identificar e analisar as características que um homem deve possuir, e compreender quais são as consequências desta masculinidade na vida dos participantes. Como problema de pesquisa, buscou-se compreender a construção das masculinidades a partir da perspectiva dos homens. Para este trabalho de conclusão de curso, optou-se por utilizar apenas o objetivo geral da pesquisa e o objetivo específico de investigar as figuras de inspiração, pelas limitações de tempo para a análise e extensão dos dados obtidos.

Levando em consideração o número de participantes, de questões que compuseram o questionário e a extensão das respostas, foram selecionadas 6 perguntas sendo elas: “Me conte brevemente sobre como foi que você soube que era homem (período da vida, se teve alguém que te ensinou, como se sentiu):” “Quem foi/foram seu(s) modelo(s) de homem?” “Você se inspira em algum homem ou personagem masculino atualmente?” “O que você aprendeu com ele(s) sobre o que é ser homem?” “Fale em poucas palavras as características que você acredita que um homem possui:” “O que é ser homem para você?”, e suas respectivas respostas para compor este primeiro artigo, e logo após foi realizada a leitura

individualizada de cada resposta. A análise dos dados se deu a partir do conceito de Análise de Conteúdo proposto por Minayo (2014, p. 304) que visualiza-a “como técnica de tratamento de dados, [pois] possui a mesma lógica das metodologias quantitativas, uma vez que busca a interpretação cifrada do material de caráter qualitativo”.

Do ponto de vista prático, a análise de conteúdo de Minayo (2014, p. 308) “parte de uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material.” Considerando o processo de análise, utilizou-se especificamente a Análise Temática, pois segundo a autora “a noção de tema está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo.” e consiste em 3 etapas pré-estabelecidas, sendo elas:

- *Primeira etapa: Pré-análise:* É feita a escolha dos documentos que serão analisados e a retomada das hipóteses e objetivos iniciais da pesquisa. Nesta etapa realiza-se a leitura flutuante do material, após a constituição do corpus e a formulação e reformulação de hipóteses e objetivos;
- *Segunda etapa: Exploração do material:* O momento o qual o/a pesquisador/a procura estabelecer categorias, que segundo Minayo (2014, p. 317) “são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado.” Neste momento é feita a compreensão de tudo que se está lendo.
- *Terceira etapa: Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação:* Nesse momento é feita a interpretação dos dados brutos, a partir de inferências do/a pesquisador/a.

A partir da reprodução dos passos citados anteriormente, realizada a leitura das respostas e obtenção das informações, foi possível definir as categorias segundo a etapa 2 e com isto dialogar com a literatura existente sobre o assunto abordado, a partir das inferências da pesquisadora. A divisão dos resultados obtidos ocorrerá em 3 categorias, articulando elementos do passado, presente e futuro dos participantes

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

O início dos procedimentos de divulgação da pesquisa, acesso e coleta de dados iniciaram somente após a avaliação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A seção inicial do questionário apresentava a pesquisa e logo direcionava o participante para a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE A), garantindo a ciência dos participantes sobre a pesquisa e suas possíveis implicações. Neste momento, o participante assinalava que concordava com os termos da pesquisa ou que recusava os termos da pesquisa. Caso o participante tivesse assinalado a recusa em participar da pesquisa era direcionado para um seção do questionário que agradecia sua atenção e encerraria sua participação. Foram respeitados os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos definidos pelo Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, Resolução nº 510/2016), garantindo aos participantes o anonimato, a proteção de seus direitos, bem como seu bem-estar e dignidade. Além disso, foram seguidos os critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Psicologia, através do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), o qual delega ao/a pesquisador/a a responsabilidade de avaliar os riscos da pesquisa e a influência nos participantes.

A população foco desta pesquisa foi acessada por conveniência através da divulgação e convite para participar da pesquisa por e-mail e mídias sociais da pesquisadora, sendo preservada a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes, dado que não houve identificação dos mesmos no questionário, nem contato direto com a pesquisadora. A adesão à pesquisa foi de forma voluntária, vetando qualquer tipo de indução ou obrigatoriedade na participação da mesma. Salienta-se a prescindibilidade do termo de autorização institucional, dado que para a composição da amostra alvo da pesquisa não se exigiu vínculo específico com alguma ou qualquer instituição, por se tratar de uma amostra que procurou alcançar todas as regiões do país.

A referida pesquisa poderá trazer benefícios à sociedade, visto a escassez de estudos sobre a temática e a imensa importância do debate acerca das masculinidades e seus efeitos na sociedade. Os resultados desta pesquisa poderão auxiliar na construção de ações que proporcionem a promoção e prevenção em saúde mental, além do melhoramento das relações interpessoais e qualidade de vida dos homens. Em relação aos riscos oferecidos pela pesquisa, o Ministério da Saúde (Resolução nº 510/2016, Cap. IV, Art. 18) prevê que são considerados riscos

aqueles os quais “têm potencial de causar danos maiores ao participante do que os existentes na vida cotidiana, em consonância com o caráter processual e dialogal dessas pesquisas”. De modo que a referida pesquisa propôs-se a questionar fatos do dia-a-dia do participante, bem como os significados atribuídos a estas experiências, compreende-se que os potenciais riscos decorrentes da eventual participação na pesquisa podem ser classificados como mínimos. Entretanto, foi ressaltado que caso o participante sentisse qualquer desconforto ou sofrimento em decorrência da participação no estudo, este poderia interromper a coleta de dados sendo orientado a entrar em contato com a pesquisadora para assistência e acompanhamento adequado enquanto necessário. Ressalta-se que nenhum participante manifestou desconforto ao responder o questionário da pesquisa, não sendo necessário realizar o acompanhamento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da coleta dos dados e da análise realizada, foram criadas 3 categorias principais: sendo a categoria 1 focada nos elementos do passado, no qual pretende-se discutir a masculinidade e o princípio de sua construção; a categoria 2 que focou em articular passado e presente na discussão sobre estereótipo de gênero, a socialização e a influência que os modelos masculinos exerceram na vida dos participantes; e por fim a categoria 3 que associou o presente e futuro na discussão sobre a desconstrução e reconstrução da masculinidade. Portanto, propõem-se a partir destas, a apresentação dos resultados e sua posterior discussão.

Ao propor uma discussão sobre as possíveis construções de masculinidade na atualidade é preciso situar o leitor sobre de que prisma parte-se para abordar esta temática. Nesse sentido, a exposição inicia pelo conceito de masculinidade proposto por Connell (1995, p.188) “A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.” Para compreender esta citação da autora, a frase será dividida a título de se explorar possíveis significados. Como *configuração de prática* é possível compreender que a autora se refere ao que as pessoas fazem, em *prática* quer dizer enfatizar que existe uma racionalidade na ação e um significado histórico, já a expressão *posição dos homens* diz respeito que há relações sociais que permeiam a masculinidade e

se refere à corpos uma vez que falar de homens é falar de pessoas com corpos adultos, e, por fim, a expressão em *estruturação das relações de gênero* enfatiza-se o gênero como sendo algo complexo e estruturado, que envolve esferas globais, econômicas e políticas. Para Connell (1995), existem masculinidades, no plural, pois essa configuração é permeada por questões raciais, sociais, culturais, temporais, históricas e econômicas. A existência de uma masculinidade hegemônica é proposta por Connell, ao referir que esta seria dominante e central na dinâmica de gênero, sendo envolta por diversos outros tipos de masculinidades.

(...) Toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. (CONNELL, 1995, p.190).

Quando se fala em masculinidades, no plural, pretende-se também incluir neste termo os homens transexuais. Desta forma, para a presente pesquisa foram considerados os conceitos de homem cisgênero e homem transgênero, como aponta Novais (2017, p. 12) "pessoas trans são aquelas que têm sua identidade de gênero diferente daquele designado no momento de seu nascimento", já os cisgênero seriam as pessoas que possuem a identidade de gênero compatível com o sexo biológico. Optou-se por incluir a população transexual masculina como alvo desta pesquisa sobre masculinidades, por entender que apesar dos indivíduos terem nascido biologicamente com as genitais femininas, no momento em que foi compreendida a condição da transexualidade, e portanto do "tornar-se homem", houve a construção de uma masculinidade. Como aponta Almeida (2012, p. 516) "(...) tal identidade vem se construindo menos em função do diagnóstico psiquiátrico e mais na suposição de uma completa adesão aos signos corporais e aos comportamentos sociais que constituem as masculinidades, principalmente em seu 'modelo convencional'." A partir das respostas dos participantes declarados transgêneros, identificou-se que a construção de suas masculinidades se deu de forma similar ao processo dos homens cisgêneros. Como mostra a resposta de um participante à pergunta de quando se descobriu homem: "Interessante pensar que muitas das vezes vemos que ser homem é ter um corpo 'masculino' que é o que ocorreu comigo, homem trans que sou, ao olhar meu irmão e perceber que não via diferenças entre nós que não fosse genital (P. 56, 23 anos)."

4.1 CATEGORIA 1 - “SOUBE QUE ERA HOMEM NO MOMENTO EM QUE CHORAVA E OUVIA A FALÁCIA DE QUE ‘HOMEM NÃO PODE CHORAR’”: A MASCULINIDADE E O INÍCIO DE SUA CONSTRUÇÃO

O gênero é compreendido como uma construção social, que segundo Scott (1995, pág. 86) “...é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Quando se fala em construção social, necessita-se situar a sociedade atual em que os participantes da pesquisa estão inseridos, sendo residentes do Brasil e, portanto, pertencentes a um corpo social com costumes ocidentais. Este fator é importante nesta discussão, pois os costumes, as tradições e ideologias de uma sociedade interferem diretamente na construção dos papéis das pessoas ali inseridas. Para Scott (1995, p.75) “O termo ‘gênero’, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino.”

Ainda hoje, percebe-se um pensamento equivocado a respeito da construção do gênero, que acredita ser um componente inato ao ser humano, portanto nascido pronto com a pessoa e que não sofreria influência do meio externo. Há ainda uma confusão quando se fala do assunto, pois alguns homens associam gênero à orientação sexual, como sendo sinônimos, vinculando o “ser homem” com a heterossexualidade (sentir-se atraído pelo sexo oposto). Durante a pesquisa, pode-se compreender que alguns participantes possuíam esse pensamento sobre a masculinidade ser inerente ao homem e ser relacionada à orientação sexual, como fica nítido na resposta deste participante: “Nunca me preocupei com essas questões, sempre tive em mente que sou só mais um ser humano. Como sinto

atração por mulheres e nunca tive problemas em ser uma pessoa do sexo masculino...”(P.25, 24 anos) e nesta de outro participante: “Sempre me senti atraído apenas pelo sexo oposto, algo natural. Ninguém me ensinou” (P.55, 28 anos).

É importante também para o debate de gênero, apontar a definição de patriarcado, visto que este influencia todas as relações existentes em nossa sociedade. Segundo Hooks (2004, p. 27-28, tradução nossa),

O patriarcado é um sistema político-social que insiste na ideologia da superioridade e dominância dos homens sobre tudo e todos que são considerados inferiores e frágeis, especialmente às mulheres, dando-lhes o direito de dominar estes “fracos” e manter o domínio através de várias formas de violência e terrorismo psicológico.

Dentro deste sistema, são impostos certos comportamentos esperados para cada gênero no qual o homem é o dominador e a mulher a dominada. O sistema patriarcal permeia todos os âmbitos de nossa sociedade, estando presente nos lares, nas escolas, nas instituições religiosas, no meio político, ditando as normas de comportamento de cada pessoa e o que se espera dela. Para Hooks (2004), as pessoas são influenciadas pelas crenças deste sistema mesmo antes de saber o que de fato é a palavra patriarcado, pois haveria uma forma de *script* que determinaria o que cada pessoa pode ser e como deve se identificar. O movimento feminista trouxe a tona a discussão sobre este termo, escancarando a opressão sofrida pelas mulheres em nossa sociedade, mas pouco se fala sobre como o patriarcado também afeta os homens, como cita Hooks (2004, p. 34, tradução nossa) “O patriarcado exige que os homens se tornem e permaneçam emocionalmente aleijados” e,

O patriarcado, como sistema, negou aos homens acesso total ao bem-estar emocional, o que não é o mesmo que se sentir recompensado com o sucesso, ou poderoso por causa da capacidade de alguém afirmar o controle sobre outros. Para abordar realmente a dor e a crise masculina, como nação, devemos estar dispostos a expor a dura realidade sobre os danos causados aos homens pelo patriarcado no passado e a continuidade dos prejuízos no presente. Se o patriarcado realmente recompensasse os homens, a rotina de violência na vida familiar tão difundida não existiria (p.36)

Dentro desse sistema, ocorre a naturalização dos comportamentos que são esperados e impostos aos homens (e às mulheres), desde o nascimento já se produz uma narrativa sobre aquele indivíduo e como ele se comportará. Se nascer com o genital masculino, já se espera que seja competitivo, assertivo, forte, provedor, que expresse emoções como raiva e alegria e esconda as demais, que goste de esportes como futebol e lutas, que se distancie de tudo que for visto como feminino. Esse processo ocorre durante toda a vida do ser humano, do nascimento à velhice, mas destaca-se a infância e adolescência como as etapas onde essa imposição ocorre de maneira mais intensa. A maioria dos participantes citou esses momentos da vida como iniciais para a identificação da masculinidade, como cita a fala desse participante: “Por volta dos 4 anos, quando eu queria fazer coisas que eram consideradas ‘de meninas’ e não me deixavam fazer.” (P.38, 20 anos) e desse: “Desde que tenho memórias, esse comportamento me era imposto, mesmo que de forma sutil.” (P. 10, 34 anos). Quando compara-se um gênero em oposição ao outro, as diferenças de socialização são ainda mais visíveis como nota-se esta resposta: “Desde sempre as ‘funções sociais’ foram muito direcionadas a mim enquanto menino, do que eu deveria ser, gostar e querer. Acho que esses papéis foram designados desde que eu me lembro, ainda mais quando levo em consideração a diferença da criação da minha irmã.” (P.68, 24 anos)

A construção do gênero acontece em diversos ambientes em que o indivíduo está inserido, pois como citado anteriormente, o sistema patriarcal se faz presente em todos os âmbitos da nossa sociedade. Desta forma, os espaços frequentados pelos participantes ainda crianças, foram lembrados como importantes contribuintes neste processo, sendo o contexto familiar e escolar os mais citados. Sabe-se que os pais e mães tratam de formas diferenciadas seus filhos e filhas, com base no gênero. Segundo Saffioti (2011, p.35), “Elas [as meninas] são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem.”

As cores do quarto, os brinquedos e brincadeiras, as vestimentas e a forma como a criança deverá se portar, é algo anteriormente planejado pela socialização na família. No ambiente familiar, normas e regras sobre comportamentos aceitos e comportamentos reprimidos foram bastante mencionados pelos homens, seguindo uma lógica de masculinidade hegemônica como aponta esse participante: “Desde a

infância, foi algo muito presente. A família e a escola reforçam os padrões esperados para um menino. Comportamento, vestimentas, sentimentos, fala... Tudo teve que se enquadrar em um padrão masculino” (P.47, 26 anos). Os meninos sempre são incentivados a brincarem e se interessarem por coisas vistas como masculinas (carros, lutas, brincadeiras mais ágeis e competitivas, futebol) e reprimir qualquer tipo de comportamento visto como feminino tal como choro, delicadeza, interesse por brincadeiras menos agressivas e competitivas... O sexismo, que segundo a definição do dicionário Michaelis é o *“Conjunto de estereótipos quanto à aparência, atos, habilidades, emoções e papéis na sociedade, de acordo com o sexo”* e *“Preconceitos e discriminação que se baseiam no sexo.”* é utilizado de forma mais frequente nesse período de construção da masculinidade, para distinguir o que é ou não compreendido como comportamento masculino. Segundo Saffioti (2011, p.35) *“o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres.”* Sabe-se hoje que o machismo não favorece os homens sempre, o sexismo acaba prejudicando os homens, as mulheres e as suas relações (SAFFIOTI, 2011 p.35).

Durante o processo de construção da masculinidade destes homens, o uso da violência se fez presente para uma boa parte dos participantes. A violência utilizada como forma de punir comportamentos vistos como femininos, em uma tentativa equivocada de tornar a vítima *“mais homem”* ou *“mais forte”*, impedindo que o menino venha a se tornar homossexual. Segundo Safiotti (2004, p. 17) *“trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.”*

Não apenas a violência física e psicológica foram citadas, mas a exposição a materiais com conteúdo sexual é visto como algo naturalizado, como aponta esse participante em sua fala:

“Uma coisa que me marcou muito foi quando eu completei 10 anos e meu pai me 'presenteou' com duas revistas masculinas (playboy), dizendo que eu estava virando homem que homens fazem isso mesmo. A partir desse momento eu percebi que tinha interesse em ver mulheres nuas, sem nem mesmo compreender o que iria fazer com aquilo.” (P. 61, 27 anos)

Expor uma criança à pornografia, é crime previsto pelo Artigo 218-A do Código Penal (BRASIL, 1940), mas em nossa cultura, esse comportamento é naturalizado e visto como importante marco na socialização dos homens. O medo

de que o menino se torne homossexual é tão grande, que se torna aceitável essa “introdução” à sexualidade masculina mediante a exposição deste à uma revista de conteúdo adulto.

Além das violências já citadas anteriormente, uma das mais recorrentes é a privação dos sentimentos que são completamente comuns para os seres humanos. A sociedade patriarcal ceifa as emoções dos meninos desde muito cedo, impedindo-os de se desenvolverem de forma plena, ensinando-os que sentir é errado, que isso os faz inferiores, que devem reprimir qualquer indício de sentimento, como aponta esse participante: “Soube que era homem no momento em que chorava e ouvia a falácia de que ‘homem não pode chorar’.” (p. 40, 24 anos) o que acaba gerando muitos malefícios aos homens, como citados anteriormente. Para Fávero (2010, p. 145), a socialização prima “(...) pelas exigências aos meninos que o induzem a esconder o medo, a ‘engolir’ o choro e a proteger o outro ‘mais frágil’”. Ainda citando Fávero (2010, p.143), “os homens são desencorajados a expressar tristeza, vulnerabilidade e depressão, e a expressar raiva na forma de agressão, para completar seus papéis de competidores com ênfase na realização individual, poder e *status*.” Aos homens que então são impedidos de demonstrar emoções, acaba restando uma única forma de se portar diante de sua vulnerabilidade: a violência, sendo a expressão máxima da masculinidade.

Sobre as emoções, a autora ainda diz que “os estudos sobre a socialização das emoções têm apontado uma questão fundamental: as crianças desenvolvem modos de entender e expressar suas experiências emocionais, por meio dos padrões de apoio que elas recebem em reação à expressão de seus sentimentos.” (FÁVERO, 2010, p. 143). Se não há o acolhimento da tristeza e vulnerabilidade dos meninos, como esperar que no futuro o adulto conseguirá expressar o que sente de forma saudável? A forma como os pais e/ou cuidadores dessa criança se portam em relação à sua socialização é o que dita como os meninos serão afetados por esta.

Quando se faz um olhar mais atento às questões de violência sofridas pelos homens, pode-se fazer uma ligação com a violência urbana crescente como citado anteriormente. É nítida a relação de que violência gera violência, como aponta Saffioti (2004, p.18)

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de

reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem.

Por isso se faz cada vez mais pertinente que os olhares se voltem para a questão da violência sofrida pelos homens, em nome da manutenção de um sistema patriarcal, que utiliza o machismo como ferramenta de controle dos corpos e vidas.

4.2 CATEGORIA 2 - “ACHO QUE A MAIORIA DAS CRIANÇAS QUE SE IDENTIFICAM COM O GÊNERO MEIO QUE SE ESPELHAM NO PAI. FOI ASSIM COMIGO.”: A INFLUÊNCIA DOS MODELOS MASCULINOS, SOCIALIZAÇÃO E O ESTEREÓTIPO DE GÊNERO

Nesta categoria, o foco de análise se deu a partir da influência dos modelos de masculinidade para os participantes durante o processo de construção da mesma, os processos de socialização e o estereótipo de gênero como ferramenta moldadora de corpos.

Percebe-se que nos últimos anos, ocorreu um crescente aumento em debates acerca das masculinidades e de que forma elas afetam não apenas as mulheres, mas os homens também. Tem-se problematizado comportamentos, falas, posicionamentos que até então eram vistos como normais e naturalizados. A partir disso, os questionamentos em relação aos estereótipos de gêneros têm enriquecido o campo, pois “Os estereótipos têm, realmente, a força do molde. Quem não entrar na forma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas ‘normais’. O conceito de ‘normal’ é socialmente construído pelo costume” (SAFFIOTI, 1987, p.37).

Dentro desse estereótipo, para Ribeiro (2006, p.157) “O controle das emoções é contínuo e paulatino no caso das meninas e bastante austero sobre a conduta dos meninos. Nesse aspecto é preciso ressaltar e deixar sempre ativo na masculinidade a ideia de bravura, força física, agressividade, esperteza, interesse pelas mulheres, ausência de sentimentos.” Dessa forma, Kaufman (1987) fala sobre a **tríade da violência**, que seria criada através do sistema que brutaliza ao mesmo passo que privilegia e dá poder aos homens. Esta tríade seria composta pela violência que os homens cometem contra as mulheres, contra outros homens e

contra si mesmos. Segundo o autor, a dominação praticada pelos homens contra as mulheres na sociedade, necessitaria de uma supressão das necessidades e uma rejeição aos sentimentos, o que geraria uma enorme tensão para “ser macho” e “ser masculino”, causando um estado de insegurança e autodesvalorização nos homens, levando a prática das violências citadas na tríade. Pensando nisso, há de se fazer uma relação entre a forma como a sociedade ensina aos meninos a (não) expressar suas emoções e os números crescentes da violência contra os homens e também cometida por estes.

As respostas dos participantes evidenciam ainda mais essa questão, pois comprovam o uso dos estereótipos para moldar os comportamentos, funcionando como uma regra imposta de forma silenciosa sobre os corpos, como eles devem ser e se portar, do que devem gostar, regendo toda uma vida a partir de percepções completamente ultrapassadas e opressoras. Como aponta esse participante em sua fala quando questionado sobre as características de um homem: “Todo homem tem que ser forte, bravo, beber bebidas alcoólicas, estar com mais de uma mulher, mesmo comprometido com alguém ainda cobiçar outras mulheres, ser o provedor da casa, líder, chefe, responsável e gostar de mulher.” (P.61, 27 anos), o modelo de homem tradicional ainda é muito cultuado em nossa sociedade, aquele que é “macho”, não nega o flerte com o sexo oposto mesmo sendo comprometido, infiel, que provém a casa, que seja viril e de certa forma bruto. Saffioti (2011, p.27) já aponta para essa questão, “Os condicionamentos sociais induzem muitos a acreditar na incontrollabilidade da sexualidade masculina.” e portanto o ideal de homem que está sempre pronto para o ato sexual, aquele que tem o desejo incontrollável e portanto passível de trair para satisfazê-lo.

O estereótipo de provedor da família, a ideia de que a esposa cuida dos filhos e o homem trabalha para sustentar a casa também é um dos mais comuns sobre os homens. Para Saffioti (2004/2011, p.84-85) “O papel de provedor das necessidades materiais da família é, sem dúvida, o mais definidor da masculinidade. Perdido este *status*, o homem se sente atingido em sua própria virilidade, assistindo à subversão da hierarquia doméstica. Talvez seja esta sua mais importante experiência de impotência.” Em momentos de crise econômica, esta impotência gerada no homem pela impossibilidade de prover o sustento familiar, muitas vezes acarreta em consequências graves, como o suicídio do homem. Há muitos casos em que ao perder o emprego, o homem se vê sem alternativas e opta por tirar a própria vida e

às vezes a vida da esposa e dos filhos, para evitar perder esse papel de provedor e responsável pelo dinheiro da família.

As relações sociais que o menino terá durante sua vida, irão auxiliar no processo de construção de sua própria identidade. Segundo Connell (1995, p. 59) “(...) El género no se fija antes de la interacción social, sino que se construye a partir de ella.” ou seja, em tradução livre, o gênero é construído a partir da interação social com o outro. Nesta pesquisa, buscou-se saber se os homens possuíam figuras de inspiração da masculinidade na infância e nos dias atuais. A maioria dos participantes citou o pai ou outro homem da família como principal modelo de homem durante a infância, como percebe-se na resposta de um participante a seguir: “Eu acho que por um bom momento da infância os homens da família (tio e avô) foram os modelos.” (P. 84, 24 anos) e ainda desse outro participante:

“Meu pai foi o primeiro e o maior modelo de homem que tive, com ele aprendi vários valores como proteger e amar a família, aprendi a importância de ser simpático com as pessoas e de se ter amizades com todo mundo. Meu pai sempre foi rígido comigo e por mais que ele evitasse de me bater ou castigos, ao me educar ele nunca foi de ter muita paciência, sempre cobrou um bom desempenho na escola e um bom comportamento.” (P.113, 22 anos)

Outra questão na pesquisa, foi o que eles aprenderam com seus modelos de homem, sendo a maioria respostas sobre qualidades e valores pessoais, como responsabilidade, comprometimento, seguir seus sonhos, e algumas ligadas ao ideal de homem hegemônico como esse participante cita: “De acordo com preceitos sociofamiliares, seria aquele ser forte, viril, que não chora, que não tem medo de nada” (P.39, 21 anos), outras apontam para aprendizados que consideram machistas ou tóxicos, como a fala a seguir evidencia: “Por ser criado em família ‘tradicional’ no interior do sul do Brasil, tinha um padrão bem machista, então coisas como não chorar, não demonstrar muitos sentimentos, nada que lembre um mínimo de ‘feminilidade’ entre outros padrões.” (P.20, 26 anos)

Ainda na infância, o brincar é uma ferramenta de extrema importância na construção do desenvolvimento de toda criança. Como cita Fávero (2010, p.36)

o brincar tem importante papel na formação de conceitos do dia a dia da criança, uma vez que essa transição significa, em última análise, a passagem de um estágio caracterizado pelas restrições situacionais da primeira infância, para o estágio caracterizado pelo pensamento adulto.

A família e o ambiente escolar exercem influência nesse momento do brincar, pois é a partir do que se é oferecido para a criança que ela vai desenvolver seus gostos e preferências. Ainda citando Fávero (2010, p.37) “a escolha que nós adultos fazemos dos brinquedos para as meninas e para os meninos também guarda essa mesma relação, uma vez que essa escolha também não é aleatória.” Então quando escolhem-se brinquedos de casinha, bonecas, produtos de salão de beleza para meninas, e carros, bolas, ferramentas de mecânico ou engenheiro, arminhas, estamos dizendo o que a criança deve ser e quais as possibilidades para ela no futuro. Fica claro essa distinção na fala desse participante: “Na escola, descobri que eu tinha que usar, obrigatoriamente, brinquedos na cor azul.” (P. 24, 32 anos) de que as crianças são induzidas a certos comportamentos e brincadeiras baseadas no gênero. Quando proíbe-se um menino de brincar de boneca ou casinha, o que se diz é que isto é brincadeira “de menina”, mas o recado que vem junto com essa fala é que o que se espera deste homem no futuro é que ele não cuide de sua casa ou de seus filhos, que ele não se interesse por crianças ou pela manutenção do seu lar.

Quando se oferece brinquedos separados pelo gênero e não se leva em consideração a subjetividade da criança e seus gostos e interesses, ignora-se todo um universo pessoal dela, sua individualidade, as possibilidades infindáveis do que ela poderá fazer no futuro e de certa forma se determina como deverá ser a sua vida no futuro, baseado em seu gênero. Isto fica evidente na fala desse participante: “Por volta dos 4 anos, quando eu queria fazer coisas que eram consideradas ‘de meninas’ e não me deixavam fazer” (P.38, 20 anos). Portanto, se for menino, obrigatoriamente deverá ser atleta, engenheiro, médico, qualquer profissão de prestígio ligada ao intelecto ou aptidão física. Se for menina, só lhe resta ser dona de casa, maquiadora, cabeleireira, dançarina, professora, profissões que envolvem o cuidado do outro, do seu lar ou da beleza. Para Fávero (2010, p.37) a escolha dos brinquedos e brincadeiras “condiz com as normas explícitas e implícitas de como e quais atividades devem ser propiciadas a meninos e meninas, definido explícita e implicitamente, segundo o paradigma dominante da heterossexualidade.”

A diferença nas brincadeiras e brinquedos ofertados para meninos e meninas foi bastante citado nas respostas dos participantes, principalmente quando os mesmos contam como foi a descoberta do “ser homem”, que em muitos casos foi

marcado pelas proibições e estereótipos de brincadeiras como apontado anteriormente na fala de um participante, impedindo que os meninos pudessem explorar o universo das brincadeiras de forma plena, sendo levados a optarem por moldes já pré-estabelecidos de comportamentos tidos como "masculinos" e que muitas vezes não contemplava o interesse da criança.

4.3 CATEGORIA 3 - "(...)HOJE EM DIA, ME SINTO BEM MAIS A VONTADE PARA EXPRESSAR TUDO QUE SINTO, MAS, SEM DÚVIDA, AS DIVERSAS LIMITAÇÕES QUE AINDA TENHO NESSE SENTIDO NASCERAM MUITO EM RAZÃO DAQUELA IDEIA QUE ME FOI PASSADA POR ALGUNS MODELOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.": A DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Como terceira e última categoria, optou-se por focar no processo de desconstrução e reconstrução da masculinidade, como os homens estão pensando a temática e como as novas formas de experimentar o gênero estão surgindo na sociedade.

O pensamento hegemônico, mesmo ainda sendo o mais comum, vem sendo desbancado por um modelo mais real de homem. Uma onda de "homens desconstruídos" têm surgido a partir dos movimentos sociais e das mudanças nas narrativas da grande mídia. Percebeu-se a partir de algumas respostas, que os participantes da pesquisa atualmente vêm se questionando, problematizando suas ações, o que aprenderam, tentando modificar a forma como lidam com suas masculinidades e aprendendo outros formatos mais saudáveis de se colocar no mundo.

Uma fala que evidencia isso é a desse participante: "Aprendi que ser Homem vai muito além do que dita o senso comum. Que homem pode chorar, ser sensível e gostar de fazer 'coisas de mulher'. Que é preciso abraçar os sentimentos e entendê-los, ao invés de engoli-los." (P. 65, 23 anos) e também essa fala: "Pra mim, ser homem é demonstrar, é falar, é ser sensível, é chorar, é mostrar que não se é forte todos os dias e que precisa de ajuda, é respeitar, é amar, é ser forte no sentido bom da palavra." (P. 28, 21 anos)

As falas destes participantes mostram como a desconstrução do modelo hegemônico de masculinidade vem acontecendo atualmente. O que antes fazia parte de um universo visto como feminino, agora já está sendo incorporado na masculinidade saudável, como a expressão das emoções, se permitir ser sensível e mostrar vulnerabilidade. O processo de desconstrução do modelo aprendido no passado, acontece de maneira lenta, não sendo vista ainda na maioria dos homens participantes da pesquisa.

A visão que hoje os homens têm de si mesmos e de suas figuras de inspiração, tem mostrado que é preciso desconstruir a masculinidade hegemônica que tanto foi cultuada, como aponta esse participante: “Estou em um processo de desconstrução da toda a masculinidade que aprendi desde a infância.” (P. 40, 24 anos), a desconstrução é um processo contínuo, assim como a própria construção da masculinidade. O que muitos homens aprenderam sobre ser homem, hoje não faz mais sentido com o modelo de sociedade que se almeja, mais igualitária, justa e sem discriminação.

Os modelos que inspiraram os homens durante a infância e adolescência, em grande maioria não fazem mais sentido hoje para os mesmos. Percebeu-se através das respostas que grande parte se inspirou em homens da família ou de seu convívio social na construção de sua masculinidade, mas que hoje não possuem mais uma figura de inspiração ou que esta se modificou ao longo do tempo como aponta esse participante: “Meu pai [é] o modelo que não quero ser. Freddie Mercury, Renato Russo, Marilyn Manson são figuras que me inspiraram a pensar mais sobre mim mesmo e a repensar minha forma de expressão.” (P. 43, 23 anos) e ainda essa fala: “Aprendi que a construção social ao meu redor do que é ser homem é antepassada e machista, Harry [Styles] me ensinou sobre poder ser frágil e me expressar da maneira que eu quero e isso não me define como não-homem.” (P. 14, 19 anos). Para este outro participante, o modelo que aprendeu com os homens da família não fazem mais sentido como mostra na fala: “Com meu pai e meu avô aprendi uma masculinidade tóxica que acabei vendo algo que eu não queria seguir, já com meus amigos vi que eu poderia construir uma visão de homem que eu queria seguir.” (P.38, 20 anos)

Assumir outro papel diante da sociedade pode ser desafiador, aprender a demonstrar suas fragilidades, compreender-se como vulnerável e o quanto isso é

normal para qualquer ser humano, independente de qual gênero ele seja, é um processo que por vezes pode ser doloroso, pois afeta partes da construção da própria identidade e da visão que a sociedade construiu do homem. É importante o reconhecimento disso, de livrar-se dos modelos impostos e cultivar sua subjetividade, como aponta esse participante:

“Ser homem para mim é apenas ser uma pessoa adulta, responsável e compreensiva. Eu tenho minhas sensibilidades, minhas preferências, defeitos e qualidades. Faço a maioria do trabalho dentro de casa, não tenho barba, tenho momentos de insegurança e nada disso me faz menos homem.” (P. 61, 27 anos)

Ao se desconstruir, segundo Saffioti (2011, p.34.), “(...) eles poderão perder o medo, fator que concorre para a transformação da agressividade, uma força propulsora muito positiva, em agressão, ato tão destrutivo – e autodestrutivo – quanto devastador.” Por isso é fundamental ter esse olhar para a questão da agressividade que é gerada quando se implanta o medo e a repressão dos sentimentos nos homens, pois é a partir deste ponto que é possível compreender de que forma a sociedade têm lidado com a violência gerada pelos princípios patriarcais, alimentando um sistema agressivo contra homens e mulheres, colocando o homem no papel ativo de destruição de si mesmo e do outro.

É importante poder mudar a visão de si e dos outros homens, retirar-se do papel de opressor e poder desenvolver as qualidades que admira, sem preocupação com diferenças entre os gêneros, poder optar pela construção de uma sociedade mais igualitária como aponta esse participante: “Ser homem é tratar todos e todas de forma igual, com respeito, generosidade, empatia, pensando sempre em construir um mundo melhor para as próximas gerações, livre de preconceito, e conceitos que atrasem o progresso.” (P. 22, 24 anos)

Percebeu-se que após o período de desconstrução de uma masculinidade que é prejudicial aos homens, muitos já almejam reconstruir esta com características que sejam muito mais possíveis de vivenciar. Uma reconstrução que leva muito tempo, talvez ainda mais lenta que a própria construção, pois requer que haja a disponibilidade de se auto-analisar no papel de homem e reconhecer quais ações são prejudiciais à sociedade e a si mesmo. Pois para Fávero (2010, p.14) “é fundamental para que se mantenha a defesa de que se há *construção*, então, é possível se *reconstruir*, tendo em vista as mudanças pessoais, institucionais e socioculturais.” e então olhar ao redor e se aproximar de bons exemplos, um tijolo

por vez, (re)construir seu próprio abrigo seguro, onde homens e mulheres não são opostos.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender de que forma ocorreu a construção das masculinidades pela perspectiva dos homens. Para tanto, procurou-se conhecer um pouco a história destes homens e em que momento de sua vida eles destacam como sendo o marco no descobrimento de seu gênero, além de conhecer quais foram as figuras de influência nessa construção.

Compreende-se que o gênero é uma construção social, sendo um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do sujeito. Para tal construção, é necessário que ocorra interação com outros sujeitos, pois é a partir da socialização que a construção se dá. Alguns participantes trouxeram a ideia do gênero como algo inato ao ser humano, ou ainda como sendo sinônimo de orientação sexual, como se ser homem indicasse automaticamente a heterossexualidade (sentir atração pelo sexo oposto).

Uma grande parte dos participantes apontou a infância e adolescência como momentos importantes no processo de construção, sendo etapas da vida na qual ocorreu o “dar-se conta” de ser homem. O contexto familiar e a escola também foram bastante citados pelos participantes como espaços onde se deu essa construção e socialização de gênero, vistos como ambientes importantes na elaboração de suas identidades e subjetividades. Em relação às figuras de inspiração, os homens da família como pai, irmãos, avôs, tios, padrasto foram os mais citados como influências importantes para o modelo de masculinidade dos participantes, principalmente na infância e adolescência. Já na vida adulta, a maior parte dos participantes da pesquisa não traz uma figura de inspiração. No entanto, uma parcela dos participantes indicaram personagens, amigos e artistas como inspiração atual, em substituição ao modelo anterior.

Observou-se que uma parte dos homens que participaram da pesquisa, compreendem suas masculinidades como tóxicas e vêm fazendo um movimento de desconstrução das mesmas, substituindo por estilos mais saudáveis de se expressar. Sendo um processo contínuo, tanto a construção quanto a reconstrução do gênero não acaba ao fim de uma etapa específica da vida do sujeito. O que

ocorre é que ao longo da trajetória de vida, concepções e ideias vão se modificando, substituindo o que não faz mais sentido e construindo um novo jeito de se colocar no mundo.

Salienta-se ainda as limitações do estudo, contextualizando o atual cenário de pandemia global causado pelo Covid-19, o Coronavírus, o qual impossibilitou que a pesquisa fosse realizada de forma presencial, sendo necessárias diversas adaptações para que a mesma fosse realizada de forma virtual e remota. Além disso, outra limitação que foi constatada é a impossibilidade de uma melhor representação de todas as regiões do país, pois mesmo com a ampla divulgação, o maior número de participantes se concentrou nas regiões sul e sudeste do Brasil.

Propõem-se seguir o debate sobre gênero, focando as masculinidades, investindo em pesquisas sobre o tema, pois o mesmo não se finda aqui. Este campo é demasiado abrangente e ainda há muito a ser pesquisado e debatido. Destaca-se a importância de compreender as consequências que o sistema em que vivemos acarreta na vida dos homens, investigar a relação da violência com a socialização de gênero, é necessário fomentar o debate principalmente nas escolas e nos contextos familiares sobre gênero e desconstruir o modelo de masculinidade hegemônica que é tanto difundido e que traz tanto malefícios à sociedade.

Com isto, espera-se contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, respeitando as diferenças e individualidades, abrindo a discussão sobre as masculinidades e uma chama de esperança de que no futuro todas as formas de expressão serão aceitas, sem que nenhum sujeito precise se limitar a encaixar-se num estereótipo, podendo viver de forma plena e segura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. 'Homens Trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.20, n.2, p. 513-523, mai./ago. 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 26 de mai. de 2020.

BRASIL. Decreto de Lei n. 2848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**: Diário Oficial da União, Rio de Janeiro. 31 dez. 1940. Artigo 218-A. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10611135/artigo-218-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

CERCA DE 11 MIL PESSOAS TIRAM A PRÓPRIA VIDA TODOS OS ANOS NO BRASIL. In: Agência Brasil. Brasília, DF: **Agência Brasil**, 2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/cerca-de-11-mil-pessoas-tira-m-propria-vida-todos-os-anos-no-brasil>>. Acesso em: 23 de mai. de 2020.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**: gênero e educação, Porto Alegre, v.20, n.2, p.185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF. 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf>. Acesso em: 26 de mai. de 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes... **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 de maio de 2016. Seção 1, p. 44, 45, 46. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

DOXSEY, J. R.; DE RIZ, J. **Metodologia da Pesquisa Científica**. ESAB - Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila.

FÁVERO, M. H. **Psicologia do gênero**: Psicobiografia, sociocultura e transformações. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. 435 p.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

HOOKS, B. **The will to change: men, masculinity, and love.** 1. ed. New York: Atria Books, 2004.

KAUFMAN, M. **The construction of masculinity and the triad of men's violence.** In: Beyond patriarchy essays by men on pleasure, power, and change. New York: Oxford University Press, 1987, p. 1-16.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. 416 p.

NOVAIS, F. L. M. **“Não tem como chegar à perfeição”: as múltiplas performatividades da testosterona a partir da praxiografia de anemmarie mol.** 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

RABELO, A. O. Contribuições dos Estudos de Gênero às Investigações que Enfocam a Masculinidade. **Ex aequo.** Vila Franca de Xira, n. 21, p.161-176, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602010000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

RIBEIRO, J. S. B. **Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças.** Campinas: Cadernos Pagu, n.26, jan./jun., 2006, p.154-168.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 2. reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, 151 p.

SAFFIOTI, H. I.B. **O poder do macho.** 11. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1987. 134 p.

SEXISMO. In: WEISZFLOG, Walter. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Editora Melhoramentos Ltda, 2021. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=neP8A>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

SILVA, S. G. da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.,** Brasília , v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 de Jun. 2020.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **Perspectiva de homens brasileiros sobre a construção de masculinidades**

Pesquisadora(s) responsável: Profa. Samara Silva dos Santos (orientadora) e Luana

da Costa Izolan, estudante de graduação em Psicologia.

Instituição/Departamento: Psicologia/UFSM

Telefone e endereço postal completo: (55) 999375597, Av. Roraima nº 1000, ap 1425

Casa do Estudante Universitário II, Bairro Camobi, Santa Maria - RS, CEP 97105-900

Local da coleta de dados: Ambiente virtual.

Eu Luana da Costa Izolan (estudante de graduação) e eu Samara Silva dos Santos (orientadora), responsáveis pela pesquisa **“Perspectiva de homens brasileiros sobre a construção de masculinidades”**, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende compreender a perspectiva que homens brasileiros possuem sobre a construção da sua masculinidade e investigar quais as consequências desta masculinidade. Acredita-se na importância desta pesquisa, pois os homens são as maiores vítimas de homicídio no país, são também os que mais morrem por suicídio, podendo apresentar prejuízos físicos, mentais e emocionais por consequência de um processo histórico e cultural. Além disso, existem poucos estudos sobre a temática do sofrimento masculino mesmo este sendo visível na sociedade. Sua participação na pesquisa, caso aceite, será anônima e consistirá em responder um questionário online com perguntas abertas que exploram sua percepção sobre a construção da masculinidade. O convite e o acesso para responder ao questionário será ofertado via link gerado a partir da plataforma google forms, divulgado pela pesquisadora.

A priori não são previstos riscos de desconforto ou sofrimento que têm potencial de causar danos maiores ao participante do que os existentes na vida cotidiana. Entretanto, caso você se sinta desconfortável ou apresente sofrimento em decorrência da participação nesta pesquisa, orientamos que entre em contato com a pesquisadora Luana da Costa Izolan pelo e-mail lu.izolan@hotmail.com para assistência e acompanhamento necessário. Visto a escassez de estudos sobre a temática e a imensa importância do debate acerca das masculinidades e seus efeitos na sociedade os benefícios que esperamos com o estudo poderão auxiliar na construção de ações que proporcionem a promoção e prevenção em saúde mental,

além do melhoramento das relações interpessoais e qualidade de vida dos homens.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com a pesquisadora Luana da Costa Izolan (e-mail: lu.izolan@hotmail.com) ou com o Comitê de Ética em Pesquisa¹ a partir das informações de contato disponibilizadas.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pela própria pesquisadora. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Autorização

Eu, após a leitura deste documento, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

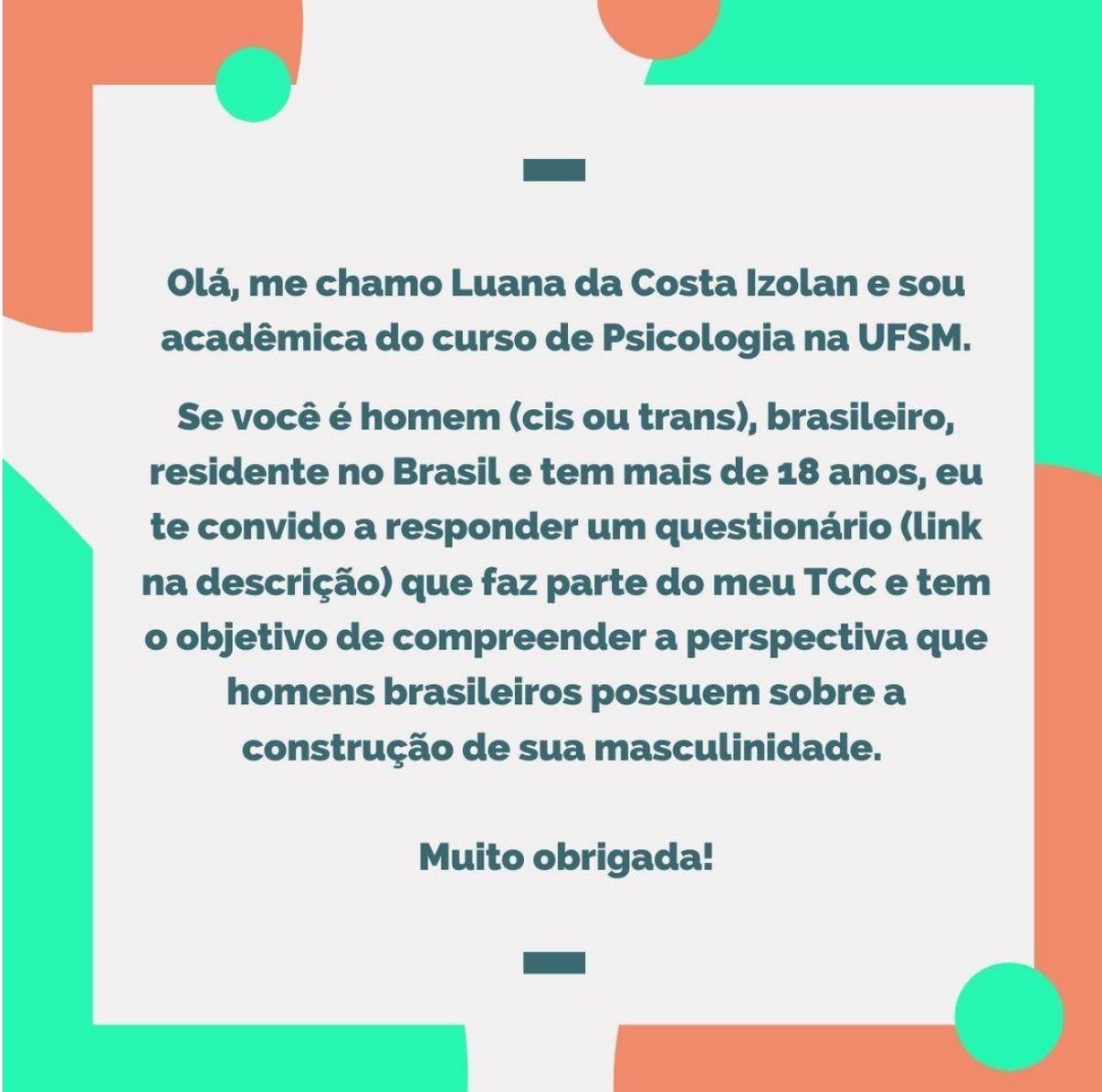
Li e aceito participar.

Li e não quero participar.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, ____ de 2020.

APÊNDICE B - FOTO DE DIVULGAÇÃO DA PESQUISA PUBLICADA NAS REDES SOCIAIS



Olá, me chamo Luana da Costa Izolan e sou acadêmica do curso de Psicologia na UFSM.

Se você é homem (cis ou trans), brasileiro, residente no Brasil e tem mais de 18 anos, eu te convido a responder um questionário (link na descrição) que faz parte do meu TCC e tem o objetivo de compreender a perspectiva que homens brasileiros possuem sobre a construção de sua masculinidade.

Muito obrigada!

APÊNDICE C - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: PERSPECTIVA DE HOMENS BRASILEIROS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES

Pesquisador responsável: Profa. Samara Silva dos Santos (orientadora) e Luana da Costa Izolan (estudante de graduação em Psicologia)
Instituição: Universidade Federal de Santa Maria
Telefone para contato: (55) 32209231/(55) 999375597
Local da coleta de dados: ambiente online

As responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de questionário online.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3210, Departamento de Psicologia, sala 3210, CEP. 97105-970 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Profa. Samara Silva dos Santos . Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em/...../....., com o número de registro Caae

Santa Maria, 25 de junho de 2020

.....
Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO

Me chamo Luana, sou estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Esse questionário faz parte do meu Trabalho de Conclusão de

Curso e tem o objetivo de compreender a perspectiva que homens brasileiros possuem sobre a construção de sua masculinidade. Para isso, eu te convido a responder este questionário que está dividido em 3 etapas.

Idade: _____

Sou homem: Cisgênero (se identifica com o sexo biológico o qual nasceu) []
 Transgênero (não se identifica com o sexo biológico o qual nasceu) []

Sou: Branco [] Pardo [] Preto [] Amarelo [] Indígena [] Prefiro não responder []

Me identifico como: Heterossexual [] Homossexual [] Bissexual [] Outro []

Minha renda mensal é: Menor que 1 salário mínimo [] Entre 1 salário mínimo e 2 []
 Entre 2 salários mínimos e 3 [] Maior de 3 salários mínimos []

Moro na região: [] Norte [] Nordeste [] Sudeste [] Sul [] Centro-oeste

Meu nível de escolaridade é: En. Fund. Incompleto [] En. Fund. Completo [] En. Médio Incompleto [] En. Médio Completo [] En. Superior Incompleto [] En. Superior Completo []

Etapa 1

1. Me conte brevemente sobre como foi que você soube que era homem (período da vida, se teve alguém que te ensinou, como se sentiu):
2. Quem foi/foram seu(s) modelo(s) de homem?
3. Você se inspira em algum homem ou personagem masculino atualmente?
4. O que você aprendeu com ele(s) sobre o que é ser homem?

Etapa 2

1. A sua visão do que é ser homem hoje é a mesma visão que você tinha quando era criança? Se não, explique.
2. Fale em poucas palavras as características que você acredita que um homem possui:

3. Você acredita que alguma destas características não são benéficas? Quais e porquê?
4. O que é ser homem para você?
5. Você acha que existem características exclusivamente masculinas e exclusivamente femininas? Se sim, poderia dar um exemplo?
6. Você acredita que a sociedade induz a forma como os homens devem se comportar? De que forma?

Etapa 3

1. Você já deixou de fazer algo por ser homem? Se sim, o que?
2. De que forma você acredita que essas concepções de ser homem afetam a sua vida?
3. Quais são as vantagens de ser homem?
4. E as desvantagens?
5. Você acha que na sociedade em que vivemos, os homens são prejudicados de alguma forma? Se sim, como?
6. Como seria uma sociedade ideal na sua visão?

Você respondeu todas as perguntas. Muito obrigada pela disponibilidade, a sua participação nesta pesquisa é muito importante!